



# Relatório Técnico

**Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e  
Pesquisas Computacionais**

## **Crivo Sintagmático de Franco Lo Presti Seminério**

C. V. M. Marques  
B. B. de Souza  
D. S. Carvalho  
G. Boaventura  
I. N. Chaves

**NCE - 02/21**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO TERCIO PACCITI DE APLICAÇÕES E PESQUISAS COMPUTACIONAIS

Relatório Técnico, 02/2021

Crivo Sintagmático de Franco Lo Presti Seminário

Carla Verônica Machado Marques, D. Sc

Brenda Brito de Souza

Dayara Santos Carvalho

Gabriela Boaventura

Ingrid Nascimento Chaves

RIO DE JANEIRO

2021

## **EQUIPE TÉCNICA:**

### **Orientação:**

Carla Verônica Machado Marques<sup>1</sup>, D.Sc

1. Laboratório de Games Inteligentes (Lagint/NCE)

### **Realização:**

Brenda Brito de Souza<sup>2</sup>

Dayara Santos Carvalho<sup>3</sup>

Gabriela Boaventura<sup>4</sup>

Ingrid Nascimento Chaves<sup>4</sup>

2. Graduanda em Letras: Português-Francês (UFRJ)

3. Graduanda em Fonoaudiologia (UFRJ)

4. Graduanda em Letras: Português-Latim (UFRJ)

## RESUMO

O presente relatório trata-se de um estudo sobre o crivo Sintagmático de Franco Ió Presti Seminério, que é uma declaração pessoal do autor para analisar o imaginário infantil por meio da análise sintagmática do texto narrativo. Seminério, nos deixou poucas informações das dimensões presentes nesse crivo, isso é, apenas descreveu e classificou dentro da escala de likert a causalidade, agentividade, organização temporal, contigência e integração que fazem parte da criação geral de textos. Em discussões em grupo formado por três graduandas e extensionistas de letras e uma de fonoaudiologia e pela nossa orientadora Prof. Carla Verônica, que foi aluna de Seminério, viu-se a necessidade de analisar mais fielmente os conceitos e subconceitos presentes em cada uma das dimensões, e assim, possibilitar futuramente a mensuração quanti e qualitativa de textos narrativos infantis. Após estudos, escolhemos o formato de rede sistêmica para esquematizar nossa proposta e consideramos a teoria de Piaget para analisar a causalidade no seu sentido mais epistêmico (pré-causalidade e causalidade propriamente dita nas Sequências Objetiva, Temporal e Reversível), a Agentividade como formato de sujeito (personagens de uma história), organização temporal presente na coesão gramatical, contigência na análise geral de nó e clímax de história - fundamentais para a dimensão estrutural da narrativa e integração que constitui a coerência gramatical.

**Palavras-chaves:** Sintagma. Rede Sistêmica. Análise de histórias.

## ABSTRACT

This report is a study on Franco lo Presti Seminério's Syntagmatic sieve, which is a personal statement by the author for the analysis of children's imagination through the syntagmatic analysis of the narrative text. Seminério, freed us information from the dimensions present in this sieve, that is, it only theorized and classified within the likert scale the causality, agency, temporal organization, contingency and integration that are part of the general creation of texts. In a group exercise formed by three graduates and extension students of letters and one of speech therapists and by our advisor Prof. Carla Verônica, who was a student at Seminério, saw the need to analyze more faithfully the concepts and sub-concepts present in each of the dimensions, and thus, enable the quantitative and qualitative measurement of children's narrative texts in the future. After studies, we chose the systemic network format to outline our proposal and considers Piaget's theory to analyze causality in its most epistemic sense (pre-causality and causality itself in the Objective, Temporal and Reversible Sequences), an Agentivity as a format of subject (characters in a story), temporal organization present in grammatical cohesion, contingency in the general analysis of node and climax of history - foundations for the structural dimension of the narrative and integration that constitutes grammatical coherence.

**Keywords:** Syntagma. Systemic Network. Story Analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imaginário: Dimensão de análises das histórias.....	08
--	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Rede Sistêmica causalidade .....	15
Tabela 2 - Rede Sistêmica agentividade .....	19
Tabela 3 - Rede Sistêmica organização temporal .....	23
Tabela 4 - Rede Sistêmica contingência .....	28
Tabela 5 - Rede Sistêmica integração .....	34
Tabela 6 - Rede Sistêmica coesão e coerência na fala .....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 OBJETIVO</b> .....	8
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	9
3.1 CAUSALIDADE .....	12
3.2 AGENTIVIDADE .....	18
3.4 CONTINGÊNCIA.....	27
3.5 INTEGRAÇÃO .....	32
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	46

## 1 INTRODUÇÃO

Franco lo Presti Seminério foi um grande psicólogo, que dentre outros estudos, se dedicou na análise da narrativa infantil. No que denominamos crivo Sintagmático que é uma declaração pessoal do autor sobre a análise sintagmática da estrutura do texto narrativo, Seminério buscou analisar o imaginário no que tange a causalidade, agentividade, organização temporal, contigência e integração na criação de textos de forma geral.

Por meio de discussões em grupo de estudo formado por graduandas de fonoaudiologia e Letras, surgiu-se a necessidade de analisarmos mais fielmente o que esse autor entende pelos marcos sintagmáticos. Desta forma, buscamos mensurar em formato de rede sistêmica as relações entre termos existentes em diversas teorias.

A rede sistêmica é uma adaptação do conhecimento teórico para um formato lógico sistêmico que parte dos conceitos mais pertinentes de uma determinada teoria, passando pelos subconceitos que explicam esse conceito geral e sucessivamente cada subconceito, que por sua vez, possui conceitos menores dentro deles que o explicam, até chegar no menor componente.

A leitura de uma teoria é sucessiva e temporal e a rede é uma forma de sistematizar a lógica que está por trás do texto, por meio de uma adequação da quarta linguagem-código (L4 Seminério, 1984) e pela articulação do canal áudio fonético com visomotor que está instanciado em regras de um objeto lógico sistêmico para uma representação de linguagem num nível bem mais adequado de quem não interage com o texto original.

Escolheu-se mediante orientação da Prof. Dra. Carla Verônica Machado Marques – que foi aluna de Seminério, a teoria de Piaget para analisar a causalidade no seu sentido mais epistêmico (pré-causalidade e causalidade propriamente dita nas Sequências Objetiva, Temporal e Reversível), a Agentividade como formato de sujeito (personagens de uma história), organização temporal presente na coesão gramatical, contigência na análise geral de nó e clímax de história - fundamentais para a dimensão estrutural da narrativa (Gancho 1991) e integração que constitui a coerência gramatical.

Selecionamos, os autores que mais discorrem sobre esses tópicos e os organizamos sistematicamente de forma lógica em cinco redes sistêmicas, com isso,

passamos a ter critérios mais minuciosos para garantir uma maior fidedignidade dos conceitos sintagmáticos escolhidos por Seminério na análise de histórias.

## **2 OBJETIVO**

O presente relatório tem por objetivo geral desenvolver e elucidar o crivo sintagmático de Franco Lo Presti Seminério, propondo a construção de um instrumento mais minucioso, organizado em ordens e hierarquias sobre os critérios de avaliação do crivo, viabilizando a análise sistemática quali e quantitativa de futuras narrativas infantis, no que tange a causalidade, a criação de personagens, nó, clímax e o uso estruturado de coesão e coerência.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O crivo sintagmático é uma declaração pessoal de Seminário sobre uma análise sintagmática da estrutura do texto narrativo. O ano e publicação ainda não foram revelados, e não há estudos mais detalhados sobre ele. O que se sabe é que o presente crivo busca analisar o imaginário infantil pelas seguintes dimensões:

**IMAGINÁRIO**  
**DIMENSÕES DE ANÁLISE DAS HISTÓRIAS**  
*Franco lo presti seminério*

1) CAUSALIDADE	2) AGENTIVIDADE	3) ORGANIZAÇÃO TEMPORAL	4) CONTINGÊNCIA	5) INTEGRAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de nexos causais explicitados</li> <li>• Nexos forçados ou limitados</li> <li>• Nexos intermitentes</li> <li>• Nexos definidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de agentividade</li> <li>• Ações mínimas e/ou fragmentárias</li> <li>• Agentes parcialmente integrados</li> <li>• Ação contínua, integrada e multifocal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Temporalidade nula e/ou absurda</li> <li>• Momentos isolados</li> <li>• Sequência não organizada</li> <li>• Sequência organizada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não inserção da prancha ou Descrição do observável</li> <li>• Fixação no observável</li> <li>• Introdução de fatos novos</li> <li>• Encadeamento de fatos observáveis e não observáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quadros isolados</li> <li>• Conexões parciais</li> <li>• Fluxo lacunar</li> <li>• Fluxo contínuo</li> </ul>

Imagem 01 - Imaginário: Dimensão de análises das histórias

Detalhando um pouco mais cada uma delas, temos:

1. **CAUSALIDADE:** A causalidade será observada nas histórias de acordo com a possibilidade de a criança estabelecer nexos causais (relações de causa e efeito entre os acontecimentos). Partindo do pressuposto de que a capacidade de encadear nexos é inata, a criança supostamente passará por etapas de maior ou menor projeção destes nexos. Podendo apresentar:
  - a. Ausência de nexos causais explicitados: o relato não contém qualquer nexo de causa e efeito entre os vários aspectos de seu conteúdo.
  - b. Nexos forçados ou ilimitados: as relações de causa e efeito são forçadas (improváveis, irrealis) ou ilimitadas (nexos não explicitados, isto é, apenas sugeridas pela criança, mas não chegam a ser explicitados, por ela. Ex.: “as crianças estava jogando bola, aí o vidro quebrou.”). Esta classificação abrange também casos em que a história possui apenas um nexo definido, e este é restrito à estimulação das pranchas (Ex.: “a criança jogou a bola no vidro e o vidro quebrou;”).
  - c. Nexos Intermitentes: Histórias em que já existem nexos causais definidos, mas ainda pode-se notar nexos causais forçados ou limitados, havendo uma alternância entre estas duas modalidades (ampliada e restrita).

- d. Nexos definidos: Histórias em que as relações de causa e efeito apresentam-se suficientemente plausíveis, dentro das regras da realidade contemplada. Ex.: em contos de fadas, é plausível que mágicas e feitiços aconteçam.
1. AGENTIVIDADE: Nas histórias haverá sempre um agente, exceto nos casos de descrições pura e simples, em que não há nenhuma ação. O objetivo é avaliar se há uma relação estrutura entre os personagens e o tema central da história. Podemos ter:
- a. Ausência de agentividade: não há agentes na história.
  - b. Ações mínimas e/ou fragmentárias: histórias em que os personagens desempenham ações diferenciadas, que não se integra; ou desempenham microações, mesmo que estas estejam relacionadas.
  - c. Agentes parcialmente integrados: história formada por histórias paralelas ou histórias onde a relação entre os agentes não esteja totalmente clara.
  - d. Ação contínua, integrada e multifocal: os atos de um ou mais personagens se integram sem perde o “fio da meada”, num discurso total.
2. ORGANIZAÇÃO TEMPORAL: passagem progressiva de espessuras temporais restritas para a ampliação imaginária estendida a passado, presente e futuro em suas relações.
- a. Temporalidade nula e/ou absurda: sequência do tempo é incorreta, absurda, como em um sonho.
  - b. Momentos isolados: uso de uma única espessura temporal (passado, presente ou futuro); pequenas espessuras que se repetem; ou dois momentos desvinculados, mesmo que cada um deles esteja organizado, não há relação temporal entre eles.
  - c. Sequência não organizada: tentativa fracassada de organizar temporalmente a história.
  - d. Sequência organizada: expansão dos limites temporais no passado e no futuro, mantendo a sequência bem organizada.

3. CONTINGÊNCIA – Competência para ultrapassar progressivamente o lado imediato da percepção, construindo uma história que ultrapasse os estímulos presentes.
  - a. Não inserção da prancha ou descrição do observável: a criança nega-se a inserir a prancha em sua história ou simplesmente descreve o que vê (aqui tem uma mesa, uma geladeira, uma mulher, um homem).
  - b. Fixação no observável: a criança introduz pequenas coisas sugeridas no desenho, para dar um sentido; não ultrapassa as insinuações do desenho.
  - c. Introdução de fatos novos: a criança cria elementos novos relacionados com a prancha, mas não os encadeia, ou os encadeia apenas parcialmente ao enredo da história.
  - d. Encadeamento de fatos observáveis e não observáveis: a criança introduz fatos novos, não observáveis, mas relacionados com a prancha, relevantes ao enredo, que são bem encadeados na história. É um encadeamento global de fatos observáveis e não observáveis.
  
4. INTEGRAÇÃO: Neste tópico pretende-se avaliar se a criança constrói histórias a partir de imagens fragmentárias, não havendo integração entre os episódios; se integra parcialmente os episódios ou se já constrói episódios estruturados.
  - a. Quadros Isolados: a criança limita-se a descrever “flashes”, como estruturas momentâneas desarticuladas.
  - b. Conexões parciais: a criança conta fatos com conexões frágeis, sem um fio condutor unitário.
  - c. Fluxo lacunar: histórias que tendem ao nível episódico, mas contêm lacunas, quebras.
  - d. Fluxo contínuo: história estruturada, cujas partes são combinadas coerentemente, sem lacunas.

Buscando mensurar as dimensões apresentadas e considerando também as definições sobre esses critérios pela ótica da Prof. Dra. Carla Verônica Machado Marques – que foi aluna de Seminário e conceituou: causalidade como a capacidade da criança de estabelecer relações de causa e efeito entre os acontecimentos, manifestada pelos nexos dos acontecimentos nas sentenças; agentividade como a capacidade de se fazer relações entre os personagens e o tema central da história,

por meio de uma ação contínua integrada entre os agentes no decorrer da história; a organização temporal como a capacidade da criança identificar ou fazer a relação correta de uma ordem cronológica nas sentenças e como os fatos se organizam no tempo; a contingência como a capacidade de se realizar abstrações e o quanto a história é capaz de inserir estímulos e personagens que não se apresentam naquele momento, considerando o encadeamento de fatos observáveis e não observáveis; a integração como a capacidade de integrar episódios e como ocorre a coerência desses fatos durante a história narrada pela criança. Verifica-se então, a coesão e a coerência entre as narrativas.

Temos então mais especificamente:

### 3.1 CAUSALIDADE

Tendo como referência a dissertação de mestrado de Dominique Colinvaux de Dominguez (1987) intitulada como “a formação do Conhecimento físico: um estudo da causalidade em Jean Piaget”, é válido mencionar a teoria Piagetiana que se baseia na distinção epistemológica entre forma, e matéria (ou conteúdo) do conhecimento.

A matéria ou conteúdo para Piaget é "tudo que é imposto pela experiência e observação direta" (Piaget, 1927, p. 262 *apud* Dominguez, 1987, p. 34). A forma do conhecimento é "o que a criança acrescenta à matéria, isto é, todas as pré relações e pré noções das quais nós, adultos, já nos liberamos" (Piaget, 1927, p. 262 *apud* Dominguez, 1987, p. 34). A matéria do conhecimento seria para ele então, originada na experiência e observação do mundo exterior, onde o meio influencia o organismo. Essa relação entre o organismo e o meio origina uma relação particular entre o pensamento e as coisas, sendo as sensações e os movimentos os elementos primitivos da vida psicológica, estando portanto, na base da experiência interna e subjetiva que configura os esquemas motores.

Tais esquemas cumprem o papel de formas, que são impostas pelo sujeito ao meio e condicionam tanto a fusão das experiências interiores e físicas quanto a interpretação da realidade, analisada e interpretada por Piaget pelos conceitos de assimilação e imitação, onde a assimilação é a utilização, pelo sujeito, de uma forma ou esquema motor no momento de sua entrada em contato com o mundo exterior e a imitação descreve a influência deste último sobre as formas do sujeito. Os conceitos de assimilação e imitação explicam então o dualismo das respostas infantis, ao mesmo tempo subjetivas e realistas.

De um lado, a criança "imita" a realidade, e "em tal caso, segue servilmente as sinuosidades da percepção direta, dando a impressão ao observador de um pensar empírico, todo fenomenista, que se limita a estabelecer relações entre duas coisas quaisquer contanto que a experiência tenha facilitado sua aproximação espacial ou temporal" (Piaget, 1927, p. 267 *apud* Dominguez, 1987, p. 36).

Essa base teórica de matéria, forma, assimilação e imitação, nos faz entender mais claramente a definição de causalidade como um sistema de operações, mas atribuído a objetos, ou seja, localizados no real, e tendendo a expressar o que esses objetos produzem quando eles agem um sobre o outro e comportar-se como operadores.

Ora, a causalidade é um sistema de transformações, elaborado graças às operações cognitivas, e que representa as transformações operadas pelos objetos. Ao sistema coordenado de operações cognitivas, corresponderá um sistema de transformações objetivas, e "apropriado à causalidade é, portanto, sempre incluir um sistema de transformações, sem poder ser reduzido a uma relação simples causa e efeito" (Dominguez, 1987, p. 98, adaptado).

Piaget, não formula hipóteses sobre a natureza da causalidade, mas objetiva verificar que as características animista, realista e artificialista do pensamento infantil, evidenciadas a propósito das representações do mundo natural e humano, reproduzir-se-ão nas explicações do mundo físico.

As interpretações da realidade essencialmente antropomórfica, onde não há acaso e tudo se justifica pela atribuição das causas à vontade e intenções de um deus ou dos homens, é denominada como "pré-causalidade". Mesmo assim, Piaget já nos traz características da causalidade desde a multiplicidade de realidades, quadros instantâneos e passageiros que compõem o mundo proprioceptivo do recém-nascido. Esse por sua vez, indissocia sujeito e objeto e considera prático todo conhecimento, visando unicamente uma eficácia da ação, evidenciada em seu êxito ou fracasso. Essa causalidade é qualificada como fenomenista justamente porque se constitui a propósito de uma circunstância externa: o objeto que, ao apresentar-se aos sentidos da criança, desencadeia sua ação.

Ao passar os anos será invocado os processos de assimilação e imitação, que tendem a equilibrar-se um ao outro, garantindo uma adaptação entre o pensamento do sujeito e a realidade objetiva e a relação entre uma ação e sua consequência no próprio corpo enquanto sede da ação, sustentando a ideia de que a causalidade primitiva repousa sobre a união das impressões subjetivas decorrentes da ação e objetivas quando constituídas a propósito de um dado externo e de que o movimento domina toda a causalidade física da criança.

A criança antes dos 7 ou 8 anos interpreta e explica o mundo físico como se fosse um mundo humano, regido por intenções e vontades, inteligência e poder, imposições e obediência. A causalidade infantil é então marcadamente antropomórfica, repousando sobre a ideia de indiferenciação da criança entre o subjetivo e o objeto, em que as

concepções infantis estão em suas características animistas quando outorgam vida e consciência aos objetos e realistas quando atribuem aos fenômenos humanos a substancialidade própria ao mundo material.

De forma mais clara,

O realismo é a "confusão do pensamento e das coisas, ou do eu e do mundo exterior" já que por não ter consciência de sua subjetividade a criança confunde os dados externos e dos internos colocando o real em um plano único. Os caracteres, de fato subjetivos, são localizados nas coisas, como se delas emanassem: a alma, o pensamento ou os sonhos materializam-se; são vozes, vento, fumaça, hálito. O animismo consiste em "dar vida e consciência aos seres inanimados" e pressupõe "a crença de que as coisas foram construída pelo homem ou por uma atividade divina trabalhando para o forma de fabricação humana". (Dominguez, 1987, p.16, adaptado).

Na medida em que a criança em torno dos seus 7 ou 8 anos percebe que uma sequência objetiva expressa as interações entre objetos que localizam-se no mundo exterior, independentemente das interferências humanas, Piaget vai conceber a causalidade infantil como uma sequência objetiva, temporal e reversível, se prolongando até os 11 ou 12 anos.

A ideia de reversibilidade descreve a possibilidade de inverter ou negar mentalmente, ações ou relações e supõe que a causalidade é mais do que uma relação unidirecional entre causa e efeito, convocando os aspectos de previsão e explicação que concorrem para a definição de causalidade.

A previsão baseia-se na observação, enquanto que a explicação supõe uma construção, que ultrapassa então os limites do observável. Piaget caracteriza essa construção como lógica, e a define como uma dedução. (Dominguez, 1987, p.42).

Nesse sentido Piaget aborda as "implicações significantes" para descrever as primeiras relações entre significações elaboradas na atividade intelectual. Elas estão presentes desde o esquema de assimilação no período sensório-motor (0 a 2 anos) quando a criança já confere ao objeto uma significação: este é um objeto para se pegar e sacudir, este outro para se chupar, etc. "mas uma significação não pode "causar" outra: as relações entre significações são então relações de implicação". (Dominguez, 1987, p. 42), o que se pode distinguir posteriormente o plano da realidade, onde as relações são de natureza causal, e o plano intelectual e/ou epistêmico. A atividade intelectual consiste em elaborar significações e nelas vê a origem da implicação lógica, obtida pela combinação de observações empíricas e construções intelectuais.

As contradições originadas dessa relação de indiferenciação entre os aspectos lógicos e causais do pensamento leva-o a distinguir a temporalidade do real, construindo formas sem conteúdos e logicamente relacionadas no que se chama de operações formais,

que é uma tendência do pensamento em eliminar e superar as contradições buscando permanente uma coerência da consistência interna de um sistema epistêmico ou interpretativo acordando com a realidade.

Nesse sentido temos os principais marcos da causalidade estruturado em rede sistêmica:

## REDE SISTÊMICA CAUSALIDADE

DOMINGUEZ, 1987

- 1.1 Pré-causalidade - Indiferenciação (Antes dos  $\frac{7}{8}$  anos)
  - 1.1.1 Primeiro Período (Supostamente 0 a 2 anos)
    - 1.1.1.1 Explicações Antropomórficas
      - 1.1.1.1.1 Natureza Psicológica
      - 1.1.1.1.2 Fenominista
        - 1.1.1.1.2.1 Relação circunstâncias externas
          - 1.1.1.1.2.1.1 Objeto aguça sentidos gerando uma ação
          - 1.1.1.1.2.2 Atribuição de substancialidade
            - 1.1.1.1.2.2.1 Processo de Substancialização do universo
              - 1.1.1.1.2.2.1.1 Objetos e Pessoas Independem da atividade da criança
                - 1.1.1.1.2.2.1.1.1 Atribuição de poder causal aos objetos e pessoas
                - 1.1.1.1.2.2.2 Processo de Espacialização
                  - 1.1.1.1.2.2.2.1 Posição e deslocamentos dos objetos são exteriores ao sujeito
                    - 1.1.1.1.2.2.2.2 Estabelecimento de relações entre as coisas
                      - 1.1.1.1.2.2.2.2.1 Proximidade
                      - 1.1.1.1.2.2.2.2.2 Contato
                      - 1.1.1.1.2.2.2.2.3 Distância
      - 1.1.1.1.3 Mágica
    - 1.1.1.2 Relação de extensão da atividade
    - 1.1.1.2 Coleção simples de eventos
      - 1.1.1.2.2 Obedece a uma certa finalidade
      - 1.1.1.2.3 Fato simultâneo em dois elementos
        - 1.1.1.2.3.1 Permite participação de um outro elemento
      - 1.1.1.2.4 Ação pessoal provoca acontecimentos
      - 1.1.1.2.5 Pensamento pessoal provoca acontecimentos
  - 1.1.2 Segundo Período
    - 1.1.2.1 Explicações Antropomórficas
      - 1.1.2.1.1 Artificialismo
      - 1.1.2.1.2 Animismo
        - 1.1.2.1.2.1 Ortoga vida e consciência aos objetos
      - 1.1.2.1.3 Dinâmico

|  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.1.3.1 Ação produz resultado</li> <li>1.1.2.1.4 Desaparecimento da mágica</li> <li>1.1.2.2 Relação Causal <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.1 Obedece a Injunção <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.1.1 Divina</li> <li>1.1.2.2.1.2 Moral</li> <li>1.1.2.2.1.3 Psicológica</li> </ul> </li> <li>1.1.2.2.2 Permite movimentos <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.2.1 Necessidade de contato físico <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.2.1.1 Primeiras conexões espaciais entre elementos <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.2.1.1.1 Age sobre o intermediário <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.2.1.1.1.1 Estímulo gera efeito <ul style="list-style-type: none"> <li>1.1.2.2.2.1.1.1.1.1 Delega poder causal a outro objeto</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2 Causalidade propriamente dita - Sequência Objetiva, Temporal e Reversível <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1 Terceiro Período - A partir de <math>\frac{7}{8}</math> anos <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.1 Explicações <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.1.1 Maior racionalidade</li> </ul> </li> <li>1.2.1.2 Relação Causal <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1 Física <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.1 Interpretação anti peristáltica do movimento <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.1.1 Explicação Mecânica <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.1.1.1 Introduce o contato <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.1.1.2 Transmissão <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.1.1.2.1 Através de <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.2 Condensação da matéria <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.1.2.1 Composição atomística da matéria</li> </ul> </li> <li>1.2.1.2.2 Dedução Lógica <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.2.2.1 Combinação de observações empíricas</li> <li>1.2.1.2.2.2 Construções Intelectuais</li> </ul> </li> <li>1.2.1.3 Marcos evolutivos <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.3.1 Processo de Aquisição da objetividade <ul style="list-style-type: none"> <li>1.2.1.3.1.1 Noção da realidade</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> </li></ul></li></ul> |

|  |
|--|
| <p>1.2.1.3.1.1.1 Superação do antropomorfismo</p> <p>1.2.1.3.1.1.1.1 Sequências causais objetivas independente das interferências humanas</p> <p>1.2.1.3.2 Processo de Formação de séries temporais</p> <p>1.2.1.3.2.1 Estabelecimento de cadeias de intermediários</p> <p>1.2.1.3.2.1.1 Supõem um antes e depois</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1 Ligação entre causa e feito</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1.1 Causa</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1.1.1 Considera o tempo da causa como intenção para produção de efeito</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1.2 Efeito</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1.2.1 Exteriorização do resultado observado</p> <p>1.2.1.3.2.1.1.1.2.1.1 Considera a distância entre ambos os termos</p> <p>1.2.1.3.2.1.2 Conexão</p> <p>1.2.1.3.2.1.2.1 Efeito do procedente</p> <p>1.2.1.3.2.1.2.2 Causa do que segue</p> <p>1.2.1.3.3 Processo de Reversibilidade</p> <p>1.2.1.3.3.1 Estabelecimento de séries reversíveis</p> <p>1.2.1.3.3.1.1 Compreensão</p> <p>1.2.1.3.3.1.1.1 Sequência dupla de intermediários</p> |
|--|

Tabela 01 - Rede sistêmica causalidade

### 3.2 AGENTIVIDADE

Para a descrição da agentividade, tomou-se como base o estudo dos personagens de uma história, visto que são seres fictícios que ajudam a compor o enredo da narrativa. Eles são dotados de características que ficam marcadas e os diferenciam, principalmente no quesito caráter, o que permite que o leitor possa pressupor a índole dos personagens.

É importante ressaltar que os personagens são criações do autor e por mais que sejam baseadas em figuras reais elas podem ser moldadas de acordo com a história que o autor deseja criar. Logo, mesmo existindo no mundo real eles são ficcionais.

Para ser considerado personagem, o ser tem que estar presente na história e interferir de alguma forma no enredo. Dessa forma, se alguém for citado na narrativa por um outro personagem, porém não participa efetivamente da história, ele pode não ser considerado um personagem. Na narrativa, de acordo com SILVA (2017) podem ser apresentados os seguintes tipos de personagens:

**Protagonista** - é o personagem destaque, podendo ser apresentado como herói ou anti-herói. O protagonista pode ter o papel de narrador da história, onde conta a narrativa em primeira pessoa. Isso torna o enredo subjetivo, pois há um único ponto de vista, que é a opinião dele, e uma única interpretação exposta. Portanto, o enredo apresenta uma visão limitada e se torna impregnado de emoções pessoais do narrador.

O herói geralmente é descrito com características superiores à dos outros personagens, isso inclui seu caráter, o qual está intrínseco a ele a integridade e bondade.

Já o anti-herói, apesar de ocupar a posição de herói, tem características iguais ou até mesmo inferiores a dos demais, sendo descrito como vítima das adversidades e portador de um caráter duvidoso.

**Co-protagonista** - retrata o segundo maior destaque e possui uma ligação forte com o protagonista, podendo ser uma relação amorosa, amigável ou familiar. Ele acompanha a jornada do personagem principal auxiliando em diversos momentos da narrativa. O co-protagonista também pode assumir o papel de narrador. Nesse caso, além de ter proximidade com a narração, ele explora o tema central e enriquece a jornada protagônica.

**Antagonista** - pode ser descrito como um ou mais personagens que se opõem ao protagonista. O antagonista pode ser também monstros, espíritos, objetos, animais, instituições, grupos sociais ou até mesmo limitações físicas ou psicológicas. O papel dele é se opor ao protagonista. Essa oposição é movida pelos ideais conflitantes, isso faz com que ele elabore uma ação de sabotagem, podendo ser uma ameaça ou um obstáculo.

**Oponente** - tem uma relação próxima ao antagonista, como a de um amigo, parente ou funcionário. Geralmente o oponente tem uma relação de submissão ao antagonista. Eles compartilham os mesmos interesses e em dado momento da narrativa ele se torna um desafio passageiro para o protagonista.

Coadjuvante - São personagens secundários que ajudam a desenvolver a narrativa. Eles podem ou não ter ligação direta com o enredo e com os personagens principais. Na maioria dos casos eles têm um grau menor de importância, isso varia da vontade do autor, se ele quer ou não dar algum destaque para o coadjuvante. Normalmente eles são apenas uma complementação dos personagens e podem auxiliá-los na tomada de decisões, intervenções ou declarações.

Figurante - Possuem apenas função ilustrativa, ou seja, ajudam a compor a cenografia. Os figurantes não têm relações com o enredo e com os personagens relevantes.

Nesse sentido, com base referencial nos estudos de GANCHO (1993) e SILVA (2017), podemos mensurar esse tópico, na seguinte ordenação:

| <b>REDE SISTÊMICA AGENTIVIDADE</b><br>GANCHO (1993) e SILVA (2017) |
|--|
| 2.1 Personagens  |
| 2.1.1 Tipos  |
| 2.2.1.1 Protagonista   |
| 2.2.1.1.1 Personagem destaque                                      |
| 2.2.1.1.1.1 Herói  |
| 2.2.1.1.1.1.1 Características superiores                           |
| 2.2.1.1.1.1.1.1 Bondoso  |
| 2.2.1.1.1.1.1.2 Forte  |
| 2.2.1.1.1.1.1.3 Corajoso   |
| 2.2.1.1.1.1.2 Enfrenta desafios                                    |
| 2.2.1.1.1.2 Anti-herói   |
| 2.2.1.1.1.2.1 Características                                      |
| 2.2.1.1.1.2.1.1 Iguais ou inferiores                               |
| 2.2.1.1.1.2.2 Posição de herói                                     |
| 2.2.1.1.1.2.2.1 Sem competência heróica                            |
| 2.2.1.1.1.2.2.2 Vítimas das adversidades                           |
| 2.2.1.1.1.2.2.3 Defeitos de caráter                                |
| 2.2.1.1.1.3 Narrador protagonista                                  |

- 2.2.1.1.1.3.1 Narração
  - 2.2.1.1.1.3.1.1 Primeira pessoa do singular
  - 2.2.1.1.1.3.1.2 Primeira pessoa do plural
  - 2.2.1.1.1.3.1.3 Subjetiva
    - 2.2.1.1.1.3.1.3.1 Único ponto de vista
    - 2.2.1.1.1.3.1.3.2 Opinião do narrador
    - 2.2.1.1.1.3.1.3.3 Interpretação pessoal
    - 2.2.1.1.1.3.1.3.4 Impregnada de emoções pessoais
    - 2.2.1.1.1.3.1.3.5 Visão limitada
- 2.2.1.2 Co-protagonista
  - 2.2.1.2.1 Segundo maior destaque
    - 2.2.1.2.1.1 Ligação com o protagonista
      - 2.2.1.2.1.1.1 Relacionamento íntimo
        - 2.2.1.2.1.1.1.1 Amigável
        - 2.2.1.2.1.1.1.2 Familiar
          - 2.2.1.2.1.1.1.3 Amoroso
        - 2.2.1.2.1.1.1.2 Acompanha sua jornada
          - 2.2.1.2.1.1.2.1 Ajuda o protagonista
      - 2.2.1.2.2 Narrador co-protagonista
        - 2.2.1.2.2.1 Proximidade na narração
        - 2.2.1.2.2.2 Enriquece a jornada
        - 2.2.1.2.2.3 Explora o tema central
    - 2.2.1.3 Antagonista
      - 2.2.1.3.1 Presença opcional
      - 2.2.1.3.2 Opositor ao protagonista
        - 2.2.1.3.2.1 Motivos de oposição
          - 2.2.1.3.2.1.1 Características conflitantes
            - 2.2.1.3.2.1.1.1 Ideais divergentes
            - 2.2.1.3.2.1.1.2 Ação de sabotagem
              - 2.2.1.3.2.1.1.2.1 Ameaça
              - 2.2.1.3.2.1.1.2.2 Obstáculo
              - 2.2.1.3.2.1.1.2.3 Impedimento
                - 2.2.1.3.2.1.1.2.3.1 Objetivo protagônico

2.2.1.3.2.1.1.3 Competição com o protagonista

2.2.1.3.3 Tipos de antagonista

2.2.1.3.3.1 Instituição

2.2.1.3.3.1.1 Governo

2.2.1.3.3.1.2 Corporação

2.2.1.3.3.2 Grupo social

2.2.1.3.3.3 Individual

2.2.1.3.3.4 Limitação

2.2.1.3.3.4.1 Física

2.2.1.3.3.4.2 Psicológica

2.2.1.3.3.4.3 Social

2.2.1.3.3.4.4 Cultural

2.2.1.3.3.5 Animal

2.2.1.3.3.6 Monstro

2.2.1.3.3.7 Espírito

2.2.1.4 Oponente

2.2.1.4.1 Próximo ao antagonista

2.2.1.4.1.1 Amigo

2.2.1.4.1.2 Parente

2.2.1.4.1.3 Funcionário

2.2.1.4.2 Interesses antagônicos acordantes

2.2.1.4.3 Desafio passageiro

2.2.1.5 Coadjuvante

2.2.1.5.1 Auxilia no desenvolvimento narrativo

2.2.1.5.2 Função na narrativa

2.2.1.5.2.1 Ligação facultativa

2.2.1.5.3 Grau de importância

2.2.1.5.3.1 Geralmente menor

2.2.1.5.3.2 Depende do enredo

2.2.1.5.4 Auxilia o enredo

2.2.1.5.4.1 Modos de auxílio

2.2.1.5.4.1.1 Tomada de ações

2.2.1.5.4.1.2 Declarações

|                 |                                |
|-----------------|--------------------------------|
| 2.2.1.5.4.1.3   | Intervenções                   |
| 2.2.1.5.5       | Complementação dos personagens |
| 2.2.1.6         | Figurante                      |
| 2.2.1.6.1       | Função                         |
| 2.2.1.6.1.1     | Ilustrativa                    |
| 2.2.1.6.2.1.1.1 | Composição cenográfica         |
| 2.2.1.6.2       | Ausência de relação            |
| 2.2.1.6.2.1     | Enredo                         |
| 2.2.1.6.2.2     | Personagens relevantes         |

Tabela 02 - Rede sistêmica agentividade

### 3.1 ORGANIZAÇÃO TEMPORAL

Para estudarmos mais profundamente a organização temporal, é preciso voltarmos para a coesão, que é um recurso que por si só não garante a formulação de um texto, porém, é responsável por lhe conferir harmonia, estabelecendo relações entre os componentes microscópicos que compõem essa macroestrutura.

Categoricamente, a coesão textual é o nome dado ao conjunto de termos que contribuem a fluidez do texto, tornando a leitura mais agradável. Além disso, a coesão divide-se em tipos diversos: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical.

Destrinchando-a percebe-se que ela é responsável, por exemplo, por evitar a repetição de termos já mencionados, retomar expressões, omitir algumas palavras de forma tal que não comprometa o entendimento do texto, relacionar termos por meio de conectivos e também, substituir palavras por sinônimos, pronomes, hipônimos e heterônimos, o qual depende do conhecimento de humano dos indivíduos.

Baseamos nos estudos de Hailiday e Hasani (1976) *apud* Fávero (1993) mensuramos as cinco categorias que, segundo eles, garantem a coesão textual, e complementamos por outros autores cada uma delas, podendo ser vista na rede sistêmica abaixo:

**REDE SISTÊMICA ORGANIZAÇÃO TEMPORAL**  
FÁVERO (1993)

3 Coesão

3.1 - Coesão lexical

3.1.1 - Itens lexicais idênticos

3.1.2 - Referência anafórica

3.1.3 - Colocação

3.1.4- Tipos

3.1.4.1- Repetidores

3.1.4.1.1 -Recorrência

3.1.4.1.2 - Paralelismo

3.1.4.1.3 – Definitização

3.1.4.1.4 - Substituidores

3.1.4.2.1 - Paráfrase

3.1.4.2.2 - Pró-formas

3.1.4.2.2.1 - Nominais

3.1.4.2.2.2 - Verbais

3.1.4.2.2.3 - Adverbiais

3.1.4.3 - Pronominalização

3.1.4.3.1 - Anáfora

3.1.4.3.2 - Catáfora

3.1.4.3.3 - Exófora

3.1.4.3.4 - Elipse

3.1.4.3.4.1 Verbal

3.1.4.3.4.2 Nominal

3.1.4.3.4.3 Oracional

3.1.4.3 – Sequenciadores

3.1.4.3.1 - Tempo

3.1.4.3.2 - Aspecto

3.1.4.3.3 - Disjunção

- 3.1.4.3.4 - Conjunção
- 3.1.4.3.5 - Contrajunção
- 3.1.4.3.6 - Subordinação
- 3.1.4.3.7 - Tema-rema
- 3.1.4.4 – Moduladores
- 3.1.4.4.1 - Entoação
- 3.1.4.4.2 – Modalidades

### 3.2 - Coesão gramatical

- 3.2.1 - Frásica
- 3.2.2 - Interfrásica (junção)
- 3.2.3 - Temporal
- 3.2.4 - A informação nova é caracteristicamente introduzida por expressões indefinidas e subseqüentemente referida por expressões definidas - Referencial - a qual engloba referência, substituição e elipse.

### 3.3 - Coesão referencial

- 3.3.1 - Substituição
  - 3.3.1.1 Pró-formas
    - 3.3.1.1.1 - Pronominais
    - 3.3.1.1.2 - Verbais
      - 3.3.1.1.2.1 - “Ser”
      - 3.3.1.1.2.2 - “Fazer”
    - 3.3.1.2 - Adverbiais
    - 3.3.1.3 - Numerais
    - 3.3.1.4 - Reiteração
    - 3.3.1.5 - Repetição do mesmo item lexical
    - 3.3.1.6 - Sinônimos
    - 3.3.1.7 - Hiperônimos
    - 3.3.1.8 - Hipônimos
    - 3.3.1.9 - Expressões nominais definidas
    - 3.3.1.10 - Nomes genéricos

### 3.4 - Coesão Recorrencial

#### 3.4.1 -Recorrência de termos

##### 3.4.1.1 - Intensificador

##### 3.4.1.2 - Enfatizador

##### 3.4.1.3 - Fluidez

#### 3.4.2 - Paralelismo

##### 3.4.2.1 - Recorrência de termos

##### 3.4.2.2 - Recorrência de estruturas

#### 3.4.3 - Paráfrase

##### 3.4.3.1 - Texto-derivado

##### 3.4.3.2 - Texto-fonte

#### 3.4.4 - Recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais:

##### 3.4.4.1 - Ritmo

##### 3.4.4.2 - Entoação

##### 3.4.4.3 - Recursos de motivação sonora

##### 3.4.4.4 - Expressividade das vogais

##### 3.4.4.5 - Expressividade das consoantes

##### 3.4.4.6 - Aliteraões

##### 3.4.4.7 - Assonância

##### 3.4.4.8 – Ecos

### 3.5 - Coesão sequencial strictu senso

#### 3.5.1 - Sequenciação temporal

##### 3.5.1.1 - Ordenação linear dos elementos

##### 3.5.1.2 - Expressões que assinalam a ordenação das sequências temporais

##### 3.5.1.3 - Expressões que assinalam a continuação das sequências temporais

##### 3.5.1.4 - Partículas temporais

##### 3.5.1.5 - Correlação dos tempos verbais

#### 3.5.2 - Sequenciação por conexão

##### 3.5.2.1 - Operadores do tipo lógico

##### 3.5.2.2 - Disjunção

##### 3.5.2.3 - Condicionalidade

##### 3.5.2.3.1 - Condicionalidade factual

- 3.5.2.3.2 - Condicionalidade não factual
- 3.5.2.3.2.1 - “se”
- 3.5.2.3.3 - Condicionalidade contrafactual
- 3.5.2.4 - Causalidade
- 3.5.2.5 - Mediação
- 3.5.2.6 - Complementação
- 3.5.2.7 - Restrição ou delimitação
- 3.5.3 -Operadores do discurso
- 3.5.3.1 - Conjunção
- 3.5.3.1.1 Advérbios
- 3.5.3.1.2 Locuções adverbiais
- 3.5.3.1.3 Conjunções coordenativas
- 3.5.3.1.4 Conjunções subordinativas
- 3.5.3.1.5 Locuções conjuntivas
- 3.5.3.1.6 Preposições
- 3.5.3.2 - Disjunção
- 3.5.3.3 - Contra-junção
- 3.5.3.4 - Explicação
- 3.5.3.5 – Pausas

Tabela 03 - Rede sistêmica organização temporal

### 3.4 CONTINGÊNCIA

A contingência aqui entendida como a capacidade da criança realizar a abstração e o quanto a história é capaz de inserir estímulos e personagens que não se apresentam naquele momento, é trabalhada ao considerar o encadeamento de fatos observáveis e não observáveis no que denominados como nó e clímax de uma história.

De maneira geral, o termo “nó” se refere ao momento da problemático dentro da narrativa. Portanto, quando ele é apresentado cria-se algum problema ou obstáculo que futuramente se tornará um conflito na trama, geralmente afetam e influenciam diretamente o protagonista.

No conflito há dificuldade no percurso existencial, ou seja, um desentendimento entre personagens ou um problema a ser resolvido dentro desse enredo. É o primeiro ponto para começar sua jornada, sendo ele sem volta. Ademais, o nó tem função catalisadora, pois à medida que a complicação é introduzida na história, os personagens são impulsionados e muitas situações dramáticas são criadas. Essa criação é fundamental para criar um clima de drama e suspense.

Ao criar as situações que levam o conflito, o nó serve como elemento engajador para o leitor, visto que é o momento que a narrativa sai de sua linearidade óssea e entra na ação dos personagens. É o momento de pensar, tanto para o personagem quanto para o leitor que estará imerso na trama, como solucionar a complicação imposta.

Apesar de parecer parte do clímax, o desencadear do conflito, como a superação do personagem em alguns momentos e sua recém aquisição de habilidades e conhecimentos, também fazem parte do nó.

Durante a narrativa é perceptível que são apresentados dois pontos de aperto, podemos dizer que um conflito menor e um maior, que seria o último. O protagonista resolve de maneira simplória o primeiro aperto, porém deixa algumas questões passarem despercebidas, que virão à tona no próximo ponto de aperto.

Entretanto, é nesse momento que ele adquirirá novas habilidades e novos conhecimentos para lidar com o que vem a frente. Cabe ressaltar que o nó deve manter o ritmo acelerado da narrativa, para assim, assegurar que as emoções do leitor estejam elevadas na hora do clímax. Esse ritmo geralmente é mantido por meio do segundo ponto de aperto em que o protagonista é diretamente afetado e precisa decidir o caminho que deve traçar para continuar sua trajetória. Nesse momento a narrativa segue diretamente para o último conflito.

O clímax é o auge do último conflito, é no momento de maior intensidade dramática. Geralmente é representado quando há um confronto entre as forças antagônicas. É o momento em que o nó está em maior tensão. O protagonista se mostra mais forte e procura o confronto com o antagonista, colocando em prova seu crescimento com o teste final. Esse também é o momento de mostrar o quão longe seus personagens chegaram.

No momento climático é hora dos personagens decidirem o seu destino e isso o encaminhará para o sucesso ou fracasso. Essa decisão poderá ser representada de várias maneiras, podendo ser um discurso dramático, uma realização interna tranquila

e significativa ou uma escolha inesperada que não poderia ser tomada antes ou que nunca tomariam em outras circunstâncias. Seja qual for a maneira que manifestou seu momento final de crescimento ele deve demonstrar que abraçaram sua verdade e superaram suas lutas internas por meio das ações que absorveram no momento climático.

Por meio de análises nos estudos de GANCHO (1993), SILVA (2017) e PEIXINHO e ARAÚJO (2017), consideramos como marcos hierárquicos de conflito e clímax, os seguintes aspectos:

| <b>REDE SISTÊMICA CONTINGÊNCIA</b>                     |
|--|
| GANCHO (1993), SILVA (2017) e PEIXINHO e ARAÚJO (2017) |
| 4.1 Conflito   |
| 4.1.1 Conflito   |
| 4.1.1.1 Dificuldade no percurso existencial            |
| 4.1.1.1.1 Desentendimento                              |
| 4.1.1.1.2 Problema a ser resolvido                     |
| 4.1.1.1.2 Situação complicadora                        |
| 4.1.1.1.2.1 Personagem indesejado                      |
| 4.1.1.1.2.2 Contratempo                                |
| 4.1.1.1.2.3 Primeiro ponto de aperto                   |
| 4.1.1.1.2.3.1 Foco no problema                         |
| 4.1.1.1.2.3.1.1 Ausência do protagonista               |
| 4.1.1.1.2.3.1.2 Foco no Antagonista                    |
| 4.1.1.1.2.3.1.3 Personagem confiante                   |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.1 Pseudo solução da problemática       |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.2 Novos aspectos                       |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.2.1 Saída da comodidade                |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.2.1.1 Novas reações                    |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.2.1.2 Novas habilidades                |
| 4.1.1.1.2.3.1.3.2.1.3 Novos conhecimentos              |
| 4.1.1.1.2.2 Superação                                  |
| 4.1.1.1.2.2.1 Conquista                                |
| 4.1.1.1.2.2.2 Transição da reação para ação            |

- 4.1.1.2.2.2.1 Envolvimento com o conflito
- 4.1.1.2.2.2.2 Falsa sensação de solução
- 4.1.1.2.2.2.2 Solução falha
- 4.1.1.2.3 Amarração dos pontos
- 4.1.1.2.3.1 Completar os subenredos
- 4.1.1.2.3.1.1 Rumo dos personagens secundários
- 4.1.1.2.4 Segundo ponto de aperto
- 4.1.1.2.4.1 Apresentação do último conflito
- 4.1.1.2.4.1.1 Protagonista diretamente envolvido
- 4.1.1.2.4.1.2 Reafirmação do poder antagonico
- 4.1.1.2.4.1.2.1 Ameaça direta ao protagonista
- 4.1.1.2.4.1.3 Regresso do primeiro ponto de aperto
- 4.1.1.2.4.1.3.1 Resultado da solução falha
- 4.1.2 Redirecionamento
- 4.1.2.1 Situação inicial desestabilizada
- 4.1.2.1.1 Inversão da história
- 4.1.2.2 Enfraquecimento do protagonista
- 4.1.2.2.1 Desejo corrompido
- 4.1.2.2.2 Necessidade de mudança
- 4.1.2.2.2.1 Adequação à situação
- 4.1.2.2.3 Habilidades insuficientes
- 4.1.2.2.4 Conhecimento insuficiente
- 4.1.2.2.5 Sensação de falha protagônica
- 4.1.2.3 Controle do Antagonista
- 4.1.2.3.1 Reafirmação do domínio
- 4.1.2.3.1.1 Controle do protagonista
- 4.1.2.3.1.1.1 Abertura do clímax
- 4.1.2.3.1.1.2 Efeito profundo
- 4.1.2.3.1.1.2.1 Sensação de derrota do protagonista
- 4.1.2.3.1.1.2.2 Reflexões
- 4.1.2.3.1.1.2.2.1 Descoberta da verdade
- 4.1.2.3.1.1.2.2.2 Maior crescimento protagônico
- 4.1.2.3.1.1.2.2.3 Aceleração do ritmo

- 4.2 Clímax
  - 4.2.1 Ponto sem volta
    - 4.2.1.1 Encaminhamento para o término
  - 4.2.2 Confronto final
    - 4.2.2.1 Procura pelo confronto
      - 4.2.2.1.1 Escolha do protagonista
        - 4.2.2.1.1.1 Moral
        - 4.2.2.1.1.2 Decisória
        - 4.2.2.1.1.3 Consciente
      - 4.2.2.1.2 Protagonista no controle
        - 4.2.2.1.2.1 Fortalecimento protagônico
        - 4.2.2.1.2.2 Enfrentamento da luta interior
        - 4.2.2.1.2.3 Enfrentamento da verdade
      - 4.2.2.1.3 Confronto entre forças antagônicas
        - 4.2.2.1.3.1 Superação dos pontos baixos
        - 4.2.2.1.3.2 Retomada ao conflito
    - 4.2.2.2 Início da batalha
      - 4.2.2.2.1 Posicionamento dos personagens
  - 4.2.3 Momento climático
    - 4.2.3.1 Tensão decisiva
      - 4.2.3.1.1 Prova do crescimento protagônico
        - 4.2.3.1.1.1 Fator determinante
    - 4.2.3.2 Conclusão lógica
      - 4.2.3.2.1 Percurso do personagem
        - 4.2.3.2.1.1 Conquistas adquiridas
        - 4.2.3.2.1.2 Problemas enfrentados
    - 4.2.3.3 Conclusão lógica protagônica
      - 4.2.3.3.1 Decisão determinante
        - 4.2.3.3.1.1 Crescimento final
          - 4.2.3.3.1.1.1 Discurso dramático
          - 4.2.3.3.1.1.2 Realização interna
            - 4.2.3.3.1.1.2.1 Tranquila
            - 4.2.3.3.1.1.2.2 Significativa

|  |
|--|
| 4.2.3.3.1.1.3 Escolha inesperada         |
| 4.2.3.3.2 Finalização do momento         |
| 4.2.3.3.2.1 Adoção da verdade            |
| 4.2.3.3.2.2 Superação das lutas internas |

Tabela 04 - Rede sistêmica contingência

### 3.5 INTEGRAÇÃO

Por fim, trabalhamos no âmbito textual alguns elementos linguísticos necessários para que um texto se faça coeso e coerente, garantindo a ligação e nexos entre dois ou mais fatos, criando então uma relação inter-frásica entre eles. Essa ação é essencial para a integração de episódios na história que geram uma harmonia textual.

Tal harmonia se dá a partir da aceitabilidade que o leitor produz pelo o que se lido, isto é, a coerência textual, diferentemente da coesão textual, que é algo imprescindivelmente inerente ao ser humano. Graças as nossas ações cognitivas desde os primórdios de nossas vidas, somos estimulados de muitas formas e, tais estímulos, acumulam-se em nossa memória e nos auxiliam a criar uma “bagagem” tanto social, quanto linguística (principalmente com relação a coerência) que nos possibilita compreender o que é um texto coerente e um texto incoerente.

Tanto a coesão, quanto a coerência passam a adquirir sentido a partir do espectro que o leitor tem do texto como um produto, para a percepção de texto como efeito de processos plenamente sociointeracionais ligados ao próprio discurso, transferindo assim, o foco do plano do enunciado (o que se lê) para o plano de enunciação (o que se fala).

Dessa forma, o leitor requer um papel condescendente na construção dos sentidos textuais e na atribuição de coerência aos textos que produz e/ou interage nas situações sociais. Embora ainda seja um campo muito complexo, a coerência textual atua como uma ação de interpretação por parte do sujeito leitor, sendo capaz de ativar uma rede encadeada de múltiplos processos sociocognitivos e interacionais que são responsáveis pela capacidade de produzir o “sentido” na mente deste.

Para que a formação de sentido aconteça na mente do leitor e a definição de coerência seja absorvida, alguns fatores explícitos são indispensáveis, tais como a

condição textual, o contexto pragmático, o locutor, o leitor, o lugar e o tempo do discurso. Entretanto, dentro desses fatores, algumas condições gerais também precisam ser estabelecidas previamente.

De acordo com Marcuschi (1983) *apud* Fávero (1993), o texto não deve ser avaliado com um ato sequencial de linguagem, ou seja, os contextos institucionais de produção e recepção do texto devem ser levados em consideração, uma vez que os mesmos são responsáveis pelos processos de formação dos sentidos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas.

Fávero (1993) cita Beaugrande e Dressler (1981) e Marcuschi (1983) que enumeram algumas condições para que haja uma conexão sequencial entre eles a partir dos: repetidores que são a recorrência, o paralelismo e a definitivização; os substituidores como a paráfrase, pró-formas (nominais, verbais, adverbiais e pro-sintagmas) e a elipse; os sequenciadores, definidos como tempo, aspecto, disjunção, conjunção, contra-junção, subordinação e tema-remática, e por fim, os moduladores, como a entoação e suas modalidades.

Sendo assim, é necessário que um texto coerente tenha um sentido pré-estabelecido pelo locutor, para que o locutório seja capaz de ativar recursos fonológicos, segmentais e/ou supra-segmentais tais como: ritmo, definido pela duração silábica juntamente com o estudo da posição de pausas entre as palavras e/ou frases; os acentos que se une a entoação, dando maior dinamicidade ao texto lido; pela rede de significantes que está armazenada no subconsciente do leitor; e pela entoação, que possui função distintiva e demarcativa dos marcadores de ritmo no momento da fala e se subdivide em entoação ascendente (tons mais agudos e abertos) e descendente (tons mais graves e fechados).

Todavia, é importante ressaltar que os fatores não linguísticos, como os conhecimentos adquiridos pelo leitor ao longo da vida, suas experiências cotidianas, atitudes e intenções ao produzir textos, tanto falados, quanto escritos, também não deixam de ser indispensáveis para o atrelamento as ideias na memória do leitor, mas para que estes fatores sejam entendidos, níveis de aquisição de conhecimento deverão ser ativados nos processos cognitivos do leitor, sendo estes:

O conhecimento declarativo, que sintetiza-se ao armazenamento de memória semântica por parte do leitor:

- I. O conhecimento procedimental, que se dá pelo armazenamento de memória episódica;

- II. O conhecimento prévio, que ativa no cérebro do leitor um significado já antes visto;
- III. O conhecimento linguístico, que é a percepção dos vocabulários exercidos pelo sujeito e com quem ele interage;
- IV. O conhecimento textual, que parte da compreensão do sujeito sobre como um texto se comporta e como este se classifica, sendo narrativo, expositivo, descritivo ou argumentativo e a forma como ele vai tratar deste texto com seu receptor;
- V. O conhecimento enciclopédico, podendo ser formal ou informal, como o significado de algo de acordo com o dicionário.

De forma geral, a coerência nada mais é então, do que uma boa compreensão do texto que está sendo recebido pelo leitor, compreensão esta que depende de alguns micro fatores que são correlacionados juntamente a coesão textual para que o sentido seja recebido, absorvido e posteriormente reproduzido novamente pelo leitor em situações diversas.

No caso de um texto conversacional, Castilho (1986) menciona que ele deve ser descrito como o intercurso verbal estabelecido entre “autor x discurso falado”, podendo ser natural (formal ou informal) ou artificial, contendo um roteiro prévio de fala. A partir disso, Aknaso (1982) diferencia os tipos de linguagem entre falada e escrita, baseando-se no uso de um sistema léxico-sintático atrelado as restrições pragmáticas presentes no contexto, podendo, assim, distinguir os graus de planejamento de um discurso, seja ele falado ou escrito, seja planejado ou não planejado.

Para Chafe (1979), a elaboração da fala depende fielmente da fragmentação do pensamento, uma vez que esta é automática e, ao ser registrada pelo receptor, não poderá ser alterada, ou seja, é necessário um maior grau de planejamento por meio desta e uma maior clareza para que o sentido requerido seja absorvido com êxito.

Em síntese, a coerência textual só consegue ser absorvida após todos os processos antes vistos, tornando-se, assim, quase que imperceptível pelo leitor na leitura de um texto, fazendo com que esta já esteja conceituada sem uma maior definição ao tentar ser expressa. Em outras palavras, o sujeito ao absorver todos os requisitos para que haja coerência, acaba tornando-a tão simples, que sua percepção é automatizada, fazendo com que o leitor consiga afirmar o porquê do texto ser coeso,

porém ficando sem respostas para afirmar que o texto é coerente, uma vez que este conceito já está internalizado em seu cérebro.

| <b>REDE SISTÊMICA INTEGRAÇÃO</b><br>FÁVERO (1993)    |   |
|--|---|
| BEUGRANDE &<br>DRESSIER<br>(1981)<br>CONTE<br>(1977) | 5 – Coerência<br>5.1 – Coerência Macrotextual<br>5.1.1 – Componentes do universo textual<br>5.1.2 – União dos conceitos e relações subjacentes<br>5.1.3 – Processos cognitivos operantes<br>5.1.4 – Conexão casual e motivada<br>5.1.5 – Encadeamento de sentenças<br>5.1.6 – Relações de sentido<br>5.1.7 – Atualização seletiva de significados potenciais<br>5.1.8 – Conjunto ordenado de hipóteses<br>5.1.9- Relações Interfrásicas<br>5.1.9.1- Enunciados<br>5.1.9.1.1 – Sucessão linear<br>5.1.9.1.2 – Ordenação hierárquica (pluridimensional) |
| MARCUSHI<br>(1983)                                   | 5.2 – Fatores contextuais para haver coerência<br>5.2.1 – Contexto pragmático<br>5.2.2 – Escritor/Locutor<br>5.2.3 – Leitor/Locutório<br>5.2.4 – Lugar<br>5.2.5 – Tempo do discurso   |
| MARCUSHI<br>(1983)                                   | 5.3 – Condições Gerais<br>5.3.1 – Contextos institucionais de produção e recepção<br>5.3.2 – Processo de formação de sentidos comprometidos<br>5.3.2.1 – Processos sociais e configurações ideológicas  |
| MARCUSHI<br>(1983)                                   | 5.4 – Conexão Sequencial<br>5.4.1 – Fatores<br>5.4.1.1 – Repetidores<br>5.4.1.1.1 – Recorrência   |

|  |  |
|--|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"> <li>5.4.1.1.2 – Paralelismo</li> <li>5.4.1.2 – Substituidores</li> <li>5.4.1.2.1 – Paráfrase</li> <li>5.4.1.2.2 – Formas</li> <li>5.4.1.2.2.1 – Nominais</li> <li>5.4.1.2.2.2 – Verbais</li> <li>5.4.1.2.2.3 – Adverbiais</li> <li>5.4.1.2.2.4 – Pro-sintagmas</li> <li>5.4.1.2.3 – Pronominalização</li> <li>5.4.1.2.3.1 – Anáfora</li> <li>5.4.1.2.3.2 – Catáfora</li> <li>5.4.1.2.3.3 – Exófora (ou Exóforica)</li> <li>5.4.1.2.4 – Elipse</li> <li>5.4.1.3 – Sequenciadores</li> <li>5.4.1.3.1 – Tempo</li> <li>5.4.1.3.2 – Aspecto</li> <li>5.4.1.3.3 – Disjunção</li> <li>5.4.1.3.4 – Conjunção</li> <li>5.4.1.3.5 – Contra junção</li> <li>5.4.1.3.6 – Subordinação</li> <li>5.4.1.3.7 – Tema-rema</li> <li>5.4.1.4 – Moduladores</li> <li>5.4.1.4.1 – Entoação</li> <li>5.4.1.4.2 – Modalidade</li> </ul> |
|--|--|

|                    |  |
|--------------------|--|
| DRESSLER<br>(1982) | <ul style="list-style-type: none"> <li>5.5 – Recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais</li> <li>5.5.1 – Fatores Linguísticos</li> <li>5.5.1.1 – Ritmo</li> <li>5.5.1.2 – Duração silábica</li> <li>5.5.1.3 – Posição de pausas</li> <li>5.5.1.4 – Acentos e entoação</li> <li>5.5.1.5 – Rede de significantes</li> <li>5.5.2 – Entoação</li> </ul> |
|--------------------|--|

|   |   |
|---|---|
|   | <p>5.5.2.1 – Função distintiva e demarcativa</p> <p>5.5.2.1.1 – Tipos de Entoação</p> <p>5.5.2.1.1.1 – Descendente</p> <p>5.5.2.1.1.2 – Ascendente</p> <p>5.5.2.2 – Fatores não Linguísticos</p> <p>5.5.2.2.1 – Conhecimentos e experiências cotidianas</p> <p>5.5.2.2.2 – Atitudes e intenções</p>   |
| <p>WINOGRAD<br/>(1976)</p> <p>MILLER &amp;<br/>JOHNSON LAIRD<br/>(1976)</p> | <p>5.6 – Níveis de aquisição de conhecimento</p> <p>5.6.1 – Conhecimento Declarativo</p> <p>5.6.1.1 – Sentenças e Proposições</p> <p>5.6.1.2 – Relações do tipo lógico</p> <p>5.6.1.2.1 – Generalização</p> <p>5.6.1.2.2 – Especificação</p> <p>5.6.1.2.3 – Causalidade</p> <p>5.6.1.3 – Armazenamento de memória semântica</p> <p>5.6.2 – Conhecimento Procedimental</p> <p>5.6.2.1 – Fatos ou convicções</p> <p>5.6.2.2 – Armazenamento de memória episódica</p> <p>5.6.2.2.1 – Modelos globais</p> <p>5.6.2.2.2 – Experiência vivida</p> <p>5.6.2.3 – Memória Ativa</p> <p>5.6.3 – Interação Verbal</p> <p>5.6.4 – Conceitos Primários</p> <p>5.6.4.1 – Objetos</p> <p>5.6.4.2 – Situações</p> <p>5.6.4.3 – Eventos</p> <p>5.6.4.4 – Ações</p> <p>5.6.5 – Conceitos Secundários</p> <p>5.6.5.1 – Agente</p> <p>5.6.5.2 – Instrumento</p> <p>5.6.5.3 – Tempo</p> <p>5.6.5.4 – Locação</p> <p>5.6.5.5 – Entidade afetada</p> |

|   |   |
|---|---|
|   | <p>5.6.5.6 – Cognição</p> <p>5.6.5.7 – Emoção</p> <p>5.6.5.8 – Volição</p> <p>5.6.5.9 – Percepção</p> <p>5.6.5.10 – Quantidade</p> <p>5.6.5.11 – Modalidade</p> <p>5.6.5.12 – Equivalência</p> <p>5.6.5.13 – Oposição</p>   |
| <p>BROWN &amp; YULE<br/>(1983),<br/>MINSKY (1975),<br/>BEAUGRANDE,<br/>DRESSLER &amp;<br/>BARLETT (1932)</p> <p>SCHANK,<br/>ABELSON &amp;<br/>MARCUSHI<br/>(1983)</p> | <p>5.7 – Modelos cognitivos globais</p> <p>5.7.1 – Frames</p> <p>5.7.1.1 – Armazenagem por computadores</p> <p>5.7.1.2 – Linguagem Artificial</p> <p>5.7.1.3 – Conceitos estereotipados</p> <p>5.7.1.4 – Seleção de memória armazenada</p> <p>5.7.2 – Esquemas</p> <p>5.7.2.1 – Relações de proximidade temporal e causalidade</p> <p>5.7.2.2 – Previsíveis</p> <p>5.7.2.3 – Determinados</p> <p>5.7.2.4 – Fixos</p> <p>5.7.2.5 – Ordenados</p> <p>5.7.2.5.1 – Memória construtiva</p> <p>5.7.2.5.2 – Saber acumulado em experiências</p> <p>5.7.2.5.3 – Estrutura ativa</p> <p>5.7.2.5.4 – Seletivo e implícito</p> <p>5.7.2.5.5 – Possibilidade de Rompimento</p> <p>5.7.3- Planos</p> <p>5.7.3.1 – Ordem previsível</p> <p>5.7.3.2 – Reconhecimento da intenção do locutor</p> <p>5.7.4 – Scripts</p> <p>5.7.4.1 – Especificação do papel dos participantes</p> <p>5.7.4.2 – Ações deles esperadas</p> <p>5.7.4.3 – Rotina preestabelecida</p> <p>5.7.5 – Cenários</p> |

|  |   |
|--|---|
| <p>SANFORD &amp;<br/>GARROD (1981),<br/>VAN DIJK (1983),</p> | <p>5.7.5.1 – Interpretação de textos escritos<br/>5.7.5.2 – Descrição parcial específica<br/>5.7.6 – Superestruturas (ou Hiperestrutura)<br/>5.7.6.1 – Forma global de um texto<br/>5.7.6.2 – Regras de formação<br/>5.7.6.3 – Caráter convencional</p> <hr/> <p>5.8 – CONHECIMENTO PRÉVIO<br/>5.8.1 – Ativação do conhecimento</p> <hr/> <p>5.9 – CONHECIMENTO LINGUÍSTICO<br/>5.9.1 – Implícito<br/>5.9.2 – Percepção dos vocabulários<br/>5.9.3 – Agrupamentos em frases<br/>5.9.3.1 – Categorias<br/>5.9.3.1.1 – Sintagma nominal<br/>5.9.3.1.2 – Sintagma verbal<br/>5.9.3.1.3 – Sujeito<br/>5.9.3.1.4 – Objeto</p> <hr/> <p>5.10 – CONHECIMENTO TEXTUAL<br/>5.10.1 – Classificação do texto<br/>5.10.1.1 – Estrutura<br/>5.10.1.1.1 – Narrativo<br/>5.10.1.1.2 – Expositivo<br/>5.10.1.1.3 – Descritivo<br/>5.10.1.2 – Interação autor-leitor<br/>5.10.1.2.1 – Narração<br/>5.10.1.2.2 – Argumentação<br/>5.10.1.2.3 – Descrição</p> <hr/> <p>5.11 – Conhecimento enciclopédico<br/>5.11.1 – Formal ou Informal</p> |
| <p>CASTILHO<br/>(1986)</p>                                   | <p>5.12 – Texto conversacional<br/>5.12.1 – Intercurso verbal<br/>5.12.2 – Natural<br/>5.12.2.1 – Formal ou informal</p>  |

|                          |  |
|--------------------------|--|
| <p>AKNASO<br/>(1982)</p> | <p>5.12.3 – Artificial<br/> 5.12.3.1 – Roteiro prévio<br/> 5.12.4 – Linguagem falada e escrita<br/> 5.12.4.1 – Uso do sistema léxico-sintático<br/> 5.12.4.2 – Restrições pragmáticas<br/> 5.12.5 – Escrita<br/> 5.12.5.1 – Planejada (e planejável)<br/> 5.12.6 – Fala<br/> 5.12.6.1 – Automática</p> |
| <p>OCHS<br/>(1979)</p>   | <p>5.13 – Quatro graus de planejamento<br/> 5.13.1 – Falado não Planejado<br/> 5.13.2 – Escrito Planejado<br/> 5.13.3 – Falado Planejado<br/> 5.13.4 – Escrito não Planejado</p>   |
| <p>CHAFE<br/>(1975)</p>  | <p>5.14 – Elaboração da fala<br/> 5.14.1 – Fragmentação<br/> 5.14.2 – Pensamento<br/> 5.14.3 – Fluxo de informação<br/> 5.14.4 – Fenômenos de repetição<br/> 5.14.5 – Anacolutos falsos<br/> 5.14.6 – Envolvimento interpessoal</p>  |
| <p>BETTEN<br/>(1976)</p> | <p>5.15 – Descontinuidades<br/> 5.15.1 – Técnicas Linguísticas<br/> 5.15.1.1 – Controladoras de Diálogo<br/> 5.15.2 – Seja claro<br/> 5.15.3 – Mude o planejamento</p>   |
| <p>GRICE<br/>(1975)</p>  | <p>5.16 – Uma unidade de sentido?<br/> 5.16.1 – Possibilidade interpretativa<br/> 5.16.2 – Parte efetiva<br/> 5.16.3 – Maneira ordenada e significativa</p>  |

Tabela 05 - Rede sistêmica integração

Como forma complementar e por muitos autores abordarem a coesão e coerência juntos, criou-se uma rede sistêmica conjunta por considerar que, língua e

fala, apesar de modalidades diferentes, são formas distintas de se usar um mesmo sistema linguístico, porém, contam com graus de planejamento diferenciados.

Enquanto a fala tende a ser espontânea e, portanto, não planejada, a escrita é predisposta a seguir o caminho inverso. Isso, no entanto, não é uma regra, afinal, pode-se ter uma fala planejada e uma escrita não-planejada, além de variados graus de planejamento.

Chafe (1979) defende o pressuposto de que uma das características da fala é a fragmentação, isto é, o caráter de construção síncrona de um discurso falado. Segundo o autor, esse fenômeno tem influência direta de sua natureza espontânea. Sendo assim, a fragmentação não é vista nos textos escritos, e sim apenas o produto final, livre das marcas desse processo de criação de um discurso.

No que tange a coesão e coerência, Maruschi (1988) diz que apesar da coesão poder ser definida por meio de termos estritamente formais, a coerência não pode, pois é algo que pode ser interpretada de acordo com o contexto, portanto, como salienta Fávero (1993) “a coerência é produto da ligação ordenada e significativa de enunciados em uma conversação”.

A coesão e a coerência, apesar de sempre estarem atreladas, não são dependentes. Um texto pode ser desprovido de coesão e ter coerência, pois a coesão é um produto da coerência.

Pode-se ver exemplos dos diversos tipos de coesão dentro excertos conversacionais. Na conversação referencial, há a incidência da repetição de um mesmo item, podendo ela ser uma auto-repetição ou heterorrepetição. Na auto-repetição, o falante repete um termo falado por si mesmo, enquanto na heterorrepetição há repetição da fala de outrem. Na coesão recorrencial, pode-se ver a paráfrase, a qual pode ter um caráter mais generalizador ou redutor. Por fim, na coesão sequencial, há a continuação da ideia. Ele pode ser visto em dois casos: como um indicador de continuação e um marcador conversacional cujo objetivo é manter ou "roubar" o turno.

Por fim, referente a coerência, é difícil analisá-la na conversação, pois ela se dá na ordem cognitiva e, por conta disso, é complicado encontrar seus traços linguísticos. Tendo em vista esse problema, surge a necessidade de falar sobre tópico discursivo, que é definido, segundo Brown e Yule (1983), como o assunto do qual se

fala. O tópico conta com 3 propriedades. São elas: centração, organicidade e limitação local.

A centração é o falar sobre algo; organicidade é definida como "a relação de interdependência que se estabelece, simultaneamente em dois planos: sequencial — distribuição na sequência horizontal — e hierárquica — distribuição na sequência vertical" (Fávero, 1993); e a delimitação é definida como um tópico que possui início, meio e fim, podendo ser linguístico ou discursivo.

Além dos expostos acima, podem ser encontradas as digressões. Elas são marcas linguísticas que retomam algo que foi mencionado primeiramente, o qual foi adotado e abandonado em detrimento de um novo tópico, mas que, por sua vez, é substituído pelo original. Elas podem ser baseadas no enunciado, na interação e em sequências inseridas, definidos, respectivamente, como introdução de um novo conteúdo dentro de um ato interacional, como sem relação com o assunto que está sendo discutido, e como falas que têm como objetivo esclarecer ou corrigir.

Temos, com base na fala, os termos mais consideráveis de coesão e coerência segundo Fávero (1993).

| <b>REDE SISTÊMICA COESÃO E COERÊNCIA NA FALA</b><br>(Fávero, 1993)  |
|---|
| 6.1 - Coerência   |
| 6.1.1 - Os termos estão ligados de maneira organizada e significativa   |
| 6.2. – Coesão   |
| 6.2.1- Coesão é um subproduto da coerência  |
| 6.2.1.1- Os textos podem ter coerência sem ter termos coesivos  |
| 6.2.2 - Coesão referencial (repetição)  |
| 6.2.2.1 - auto-repetição  |
| 6.2.2.2 - heterorrepetição  |
| 6.2.3 - Coesão recorrencial   |
| 6.2.3.1 - Paráfrase   |
| 6.2.3.1.1 - Generalizadora  |
| 6.2.3.1.2 - Redutora  |
| 6.2.4 - Coesão sequencial   |
| 6.2.4.1 - “E” - indica continuação e também pode ser um marcador conversacional cujo intuito é manter o turno |

|   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>6.3 - Tópico discursivo</li><li>6.3.1 - Centração</li><li>6.3.2 - Organicidade</li><li>6.3.3 - Delimitação local</li><li>6.3.4 - Linguística</li><li>6.3.4.1 - Marcadores conversacionais</li><li>6.3.4.1.2 - Elementos prosódicos (pausas, hesitações)</li><li>6.3.4.1.3 - Perguntas</li><li>6.3.4.1.4 - Anacolutos</li><li>6.3.4.1.5 - Mecanismos de contra junção</li><li>6.3.4.1.6 - Mecanismos de conclusão</li><li>6.3.4.1.7 - Repetições</li><li>6.3.5 – Discursivas</li></ul> |
| <ul style="list-style-type: none"><li>6.4 - Digressões</li><li>6.4.1 - Digressões baseadas no enunciado</li><li>6.4.2 - Digressões baseadas na interação</li><li>6.4.3 - Digressões baseadas em sequências inseridas</li></ul>  |

Tabela 06 - Rede sistêmica coesão e coerência na fala

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio do estudo realizado construímos um instrumento de mensuração mais detalhado sobre as dimensões de análise de história do crivo sintagmático de Franco lo Presti Seminério.

Tendo como fundamento as principais bases teóricas sobre os assuntos abordados e por meio dessas esquematizações transparentes e palatáveis no formato de rede sistêmica, passamos a ter marcadores qualificados capazes de avaliar e valorar quantitativamente a pertinência das histórias analisadas. Essa ação, permite a observação pontual sobre as necessidades de ajustes e um melhor desenvolvimento das próximas narrativas realizadas.

Esse trabalho oportuniza o conhecimento a pessoas que necessitem ou se interessem a aplicar o tema em suas práticas profissionais de forma mais facilitadora do que pela a leitura dessas teorias, podendo então, se dedicar a realização de futuros trabalhos e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

DOMINGUEZ, D. C. **A formação do conhecimento físico**: um estudo da causalidade em J. Piaget. 1987. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1987.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios).

GANCHO, C. Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, D. R. da; NASCIMENTO, T. C. do. O ser múltiplo a partir do ponto clímax da (auto)biografia. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 270-283, 2016. Disponível em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/genero/article/viewFile/2881/2713>. Acesso em: 17 out. 2020.

PEIXINHO, A. T.; ARAÚJO, B. **Narrativa e Média**: gêneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

SILVA, D. **Literatura**: conheça os tipos de personagens. 2017. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/literatura-conheca-os-tipos-de-personagens/>. Acesso em: 14 set. 2020.

## GLOSSÁRIO

**ACELERAÇÃO:** processo em que o ritmo da história deve estar acelerado, para manter o interesse do leitor no andamento do enredo.

**ANACOLUTO:** período iniciado por uma palavra ou locução, seguida de pausa, que tem como continuação uma oração em que essa palavra ou locução não se integra sintaticamente, embora esteja integrada pelo sentido.

**ANÁFORA:** repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de duas ou mais frases sucessivas para enfatizar o termo repetido.

**ANIMISMO:** doutrina que afirma que todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente. Onde a existência da alma humana é considerada como princípio e sustentação de todas as atividades orgânicas e perceptivas.

**ANTROPOMORFISMO:** forma de pensamento comum a diversas crenças religiosas que atribui a Deuses, a Deus ou a Seres Sobrenaturais comportamentos e pensamentos característicos do ser humano.

**ARTIFICIALISMO:** qualidade daquilo que não é natural.

**AUTORREPETIÇÃO:** o falante repete constituintes do enunciado ditos por si próprio.

**CATÁFORA:** uso de um termo ou locução ao final de uma frase para especificar o sentido de outro termo ou locução anteriormente expressa.

**CAUSALIDADE:** sistema coordenado de transformações elaboradas por operações cognitivas, que sugere causa e efeito.

**CENTRAÇÃO:** falar sobre um determinado assunto fazendo uso de referenciais.

**CLÍMAX:** é um ponto sem volta para terminar a narrativa. Último marco da história. A partir do momento que os personagens da narrativa entram no clímax, o conflito da história terá uma conclusão.

**COGNIÇÃO:** processo de adquirir um conhecimento.

**CONFLITO:** Momento em que deve se ter uma dificuldade no percurso existencial, ou seja, um desentendimento entre personagens ou um problema que deve ser resolvido dentro do enredo.

**CONJUNÇÃO:** termo que liga duas orações ou duas palavras pelo de mesmo valor gramatical, estabelecendo uma relação entre eles.

**DELIMITAÇÃO LOCAL:** o tópico possui início, meio e fim.

**DIGRESSÕES:** retomadas relacionadas com o primeiro tópico a ser falado em uma conversação.

**DISJUNÇÃO:** ato ou efeito de disjuntar, separar, desunir.

**ELEMENTOS PROSÓDICOS:** maneira como se diz determinadas palavras a fim de causar um

**ELIPSE:** supressão de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico ou pela situação.

**ENTOAÇÃO:** ato ou efeito de entoamento, tom correto de uma sílaba.

**ESQUEMAS:** aqui utilizado para caracterizar como nosso conhecimento de mundo está organizado e como este influi na compreensão do texto.

**EXÓFORA:** referência a algo extralinguístico, não no mesmo texto, e contrasta com a endofórica; palavras ou marcações gramaticais são usadas para fazer referência a algo no contexto

**FENOMENISMO:** aqui entendido como forma de apreensão da realidade pela percepção sensorial humana sob a forma de aparência sensível.

**FRAMES:** armazenamento computacional;

**HETERORREPETIÇÃO:** o falante repete constituintes do enunciado ditos pelo interlocutor.

**MARCADORES CONVERSACIONAIS:** elementos linguísticos que contribuem para a organização do texto falado e monitoramento da conversação.

**MECANISMOS DE CONTRA JUNÇÃO:** elementos que expressam oposição dentro de uma frase.

**METÁFRASE:** nova apresentação de um mesmo texto.

**PARÁFRASE:** interpretação ou transcrição em que o autor procura seguir o mais próximo possível do texto em que se inspira; explicação de ideias por meio das próprias palavras; reescritura.

**PARALELISMO:** função gramatical e semântica existente nas orações.

**PERCEPÇÃO:** apreender por meio dos sentidos ou da mente; consciência; impressão.

**PLANOS:** entendido como o reconhecimento da intenção do locutor ao produzir aquele conteúdo;

**PRAGMÁTICO:** objetivo; contém considerações práticas.

**PRÉ-CAUSALIDADE:** conceito restrito de Piaget para se referir às interpretações da realidade essencialmente antropomórfica presente na criança.

**PROCESSO DE ESPACIALIZAÇÃO:** aqui entendido como apreensão das relações espaciais contidas em dados visuais e auditivos,

**PROCESSO DE SUBSTANCIALIZAÇÃO DO UNIVERSO:** aqui entendido como processo de transformação ao real, material e concreto.

**RELAÇÃO CAUSAL:** relação na qual um determinado fenômeno ou estado de coisas (o efeito) é consequência de outro (a causa).

**REVERSIBILIDADE:** propriedade de determinados processos de poderem ser revertidos ao estado anterior, após terem sido submetidos a uma série de mudanças quando se revertem as variáveis que definem o estado.

**SCRITPS:** são o que especificam o papel de cada participante da interação e suas rotinas e cenários, que é como o leitor interpreta textos escritos e os projeta para si.

**SÉRIES TEMPORAIS:** coleção de observações feitas sequencialmente ao longo do tempo.

**SINTAGMA:** unidade linguística composta de um núcleo e de outros termos que a ele se unem.

**SUBORDINAÇÃO:** relação de codependência de uma oração a outra.

**SUPERESTRUTURAS:** regras de formação e critérios requisitados pelo caráter convencional para haver uma forma global de texto.

**TÓPICO DISCURSIVO:** assunto sobre o qual está sendo falado.

**VOLIÇÃO:** ação de escolher ou decidir.

**Instituto Tércio Pacitti de  
Aplicações e Pesquisas Computacionais**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Cx. Postal: 2324 - CEP: 20001-970 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel: (21) 2598-3212/2598-3130 - FAX: (21) 2270-8554